

# **CRÍTICA À ESTRUTURA ECONÔMICA, POLÍTICA E SOCIAL BRASILEIRA A PARTIR DE EMMANUEL LEVINAS\***

Lucas da Silva Gontijo (UFVJM)

Atanásio Mykonios (UFVJM)

**Resumo:** O presente artigo procura, em um primeiro momento, constatar e apontar as principais contradições das estruturas socioeconômica e política do Brasil, e suas contribuições para o agravamento da crise social. Percebe-se que a relação Estado-interesses econômicos assume o protagonismo na alienação do homem e na formação de desigualdades. Em um segundo momento, como alternativa crítica a esse cenário, a filosofia da alteridade, a partir de Emmanuel Levinas, é trazida como possibilidade e embasamento para a proposição de uma sociedade estruturada na responsabilidade para com o outro e na alteridade, o que requer, necessariamente, a desconstrução do primado dos valores capitalistas.

**Palavras-chave:** outro; rosto; responsabilidade; fraternidade; ética.

## **1 - Introdução**

Realizar uma análise filosófica sobre a estrutura e a realidade do Brasil é uma tarefa ampla e árdua. Proporcionais à extensão territorial desse país de dimensões continentais, são seus desafios.

O Brasil, tradicionalmente, é reconhecido por ser um país onde uma das grandes marcas é a desigualdade social. Se acompanharmos os noticiários, veremos que essa realidade se agrava rapidamente na atualidade. Investigar essa causa e nos posicionarmos, filosoficamente, frente a esse problema centenário e atual, na intenção de oferecermos outra forma de estruturação para a realidade brasileira será o fio condutor de nosso raciocínio.

Tendo apresentado as chagas que, historicamente, ferem nosso país com duros golpes, tentaremos seguir alguns passos na intenção de conhecermos os desafios e a eles responder. Primeiramente, nos ocuparemos de investigar as estruturas socioeconômica e política, fundadas a partir das relações de exploração (e para as relações de exploração). Inevitavelmente, as relações sociais, as formas de sociabilidade derivadas dessas relações de exploração estarão presentes em nossa análise.

Essa relação Estado-interesses econômicos em muito influencia a sociabilidade. Uma sociedade fundada na divisão do trabalho, sob o ethos impessoal do capitalismo não permite ver o “Rosto” do outro, não permite relações que prezam pela alteridade.

Apontadas as principais contradições na estruturação econômica, política e social do processo de formação do Brasil, teremos condições, então, de propor uma outra forma de estruturação da realidade brasileira. Para isso, traremos a contribuição do filósofo franco-lituano Emmanuel Levinas (1906-1995).

Levinas se empenhou e se destacou por propor uma filosofia embasada e fundada na alteridade, na liberdade dos sujeitos de estarem frente a frente com o próximo. Apresentaremos as ideias principais do autor, considerando sua filosofia e sua crítica a essa condição de alienação do homem pelo outro homem e pelo sistema totalizante.

## **2 - O contexto brasileiro, seus desafios e possíveis alternativas**

### **2.1 - Análise crítica às estruturas socioeconômica e política brasileiras**

Há algum tempo, no Brasil, estamos mergulhados numa profunda crise com diversos aspectos. Os noticiários, com muita frequência, apresentam a nós essa palavra que muito nos preocupa e nos enche de temor. A crise da realidade brasileira será aqui abordada não como uma crise de valores, uma crise moral, mas antes, vamos nos propor a analisar a sua origem: a crise econômica e política, que, conseqüente e inevitavelmente, gera a crise do social.

A crise econômica e política advém da trágica fusão Estado-capital, que legitima, impõe e justifica a relação de exploração, dominação e a indiferença do homem perante o outro homem. Assim, nossa tarefa ocupa-se, desde o início, a um questionamento dos fundamentos que estruturaram (e estruturam) a realidade do Brasil, que, como amplamente sabemos, é um país que conta com gravíssimos problemas estruturais.

Ao questionar a relação Estado-interesses econômicos, uma pergunta faz-se relevante: o capitalismo, como sistema de produção que prometia e ainda promete sanar as necessidades da sociedade, a partir da produção e consumo, falhou ao não atingir essas metas, ou, ao aliar-se à política, acertou em cheio, ao proporcionar o desenvolvimento, o progresso, tão caros a esse sistema a apenas uma parte da sociedade? A resposta a essa inquietante pergunta permeará o presente trabalho, e jamais dele se ausentará. Na tentativa de oferecermos uma resposta à pergunta levantada anteriormente, apresentaremos alguns dados sobre a realidade brasileira. Basta um olhar atento para o contexto brasileiro e veremos o tamanho da falha do capitalismo em responder aos anseios dos que aqui vivem. Em sua edição do dia 14/12/2017, o jornal El País apresentou uma matéria indicando que:

quase 30% da renda do Brasil está nas mãos de apenas 1% dos habitantes do país, a maior concentração do tipo no mundo. É o que indica a Pesquisa Desigualdade Mundial 2018, coordenada, entre outros, pelo economista francês Thomas Piketty (PIKETTY, 2017).

Observando a afirmação acima, é-nos permitida uma observação importante: há uma brutal desigualdade na distribuição de renda no Brasil, em que a maioria da população tem sua força de trabalho em muito explorada, porém, com baixa compensação financeira, o que permite, em grande parte das vezes, apenas a manutenção da sobrevivência, enquanto que a ínfima minoria possui o esmagador poder econômico, legitimando essa estrutura atual.

Associado ao Estado, o poder capitalista renega as massas ao esquecimento, ao desprezo. Ratificando essa premissa, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), apresentou os seguintes dados: em 2016, 52,8 milhões de brasileiros, ou 25,7% da população, eram considerados como abaixo da linha da pobreza. De 2016 a 2017, segundo dados da Síntese de Indicadores Sociais (SIS) 2018, 54,8 milhões de brasileiros estavam nessas condições (ESTADO DE MINAS, 2018).

Como pudemos ver, a desigualdade social e de distribuição de renda no Brasil ainda é um gravíssimo problema que enfrentamos, e que, mais do que nunca, merece nossa atenção para a elaboração de uma crítica que conduza a um outro *ethos* livre da dominação econômica.

Diante de tal cenário, teria o Estado a função de atuar em prol de atenuar a brutal desigualdade e injustiça provocada pela lógica do capital? O Estado desenvolveu, ou desenvolve, alguma política tendo em vista corrigir essa situação?

A existência de tal desigualdade se dá devido a um sistema de produção que amplamente a incentiva, a legitima, uma vez que as benesses não são extensíveis à grande parte da população, ao contrário, faz parte de tal lógica que a maioria seja privada do acesso aos bens por ela mesma produzidos.

Diante de tal cenário, teria o Estado a função de atuar em prol de atenuar a brutal desigualdade e injustiça provocada pela lógica do capital? O Estado desenvolveu, ou desenvolve alguma política tendo em vista corrigir essa situação?

Vejam os dados que o Estado tem feito: segundo dados do Departamento Penitenciário Nacional (Depen), a população carcerária brasileira vem crescendo em um ritmo de 8,3% ao ano, totalizando, em julho de 2019, mais de 812.564 mil detentos, o que faz do Brasil a terceira maior população carcerária do mundo, atrás somente de Estados Unidos e China (GLOBO, 2019). O que assistimos no Brasil é ao aumento do confinamento espacial da população, sendo que, desses encarcerados, 41,5% (mais de 337 mil detentos) são presos provisórios, ou seja, sem condenação efetiva. Observa-se, portanto, uma política de Estado para o confinamento em massa, um dos aspectos que justificam uma pesquisa crítica acerca do problema estatal na sociedade brasileira.

O aumento da população carcerária brasileira, o preocupante empobrecimento daqueles que já estão em condições vulneráveis e o enriquecimento daqueles que já são bastante ricos não podem ser vistos como um mero acaso, antes, são frutos de um projeto político-econômico, que encontra sua chancela no Estado.

Segundo Zygmunt Bauman, o capitalismo é “parasitário”<sup>1</sup> (BAUMAN, 2010). A relação do capitalismo com o homem é como a relação de um ser parasitário com seu hospedeiro: quando o parasita se instala no hospedeiro, este pode sobreviver por um tempo, mas mais cedo ou mais tarde, irá ser destruído por este novo ser que se apossou do hospedeiro (BAUMAN, 2010).

Desvelando ainda um pouco mais o caráter brutal do sistema político-social capitalista, sabemos que há pessoas que se enriquecem (e muito) com o endividamento da população. Banqueiros, grandes empresários, especuladores, rentistas, esta pequena parcela que possui o grande poder econômico se sustenta com os juros, com as altas taxas que são impostas no mercado, bem como pelo endividamento estatal e por mecanismos de transferência de riqueza social. Ou seja, o endividamento de muitos consiste no lucro de outros; a humilhação da grande maioria da população é necessária para a manutenção das estruturas de lucro e a dominação de poucos.

Propor uma saída para essa trágica realidade requer uma radicalidade, requer uma nova postura frente a esse *ethos* e a essa estrutura que, ao que tudo indica, não irá demorar para nos engolir. Pensar para-além do capitalismo requer pensar para-além da política institucionalizada pelas relações capitalistas e vice-versa. Para que tenhamos, a fim de iniciar essa proposta, condições de apontar para outra sociedade, outra forma de relação entre os homens, faz-se necessária a derrubada do Estado como o Ocidente o modelou e nutriu, e, por consequência, a derrubada do sistema capitalista.

É no propósito de pensar “de outro modo” que justificamos a opção pelo filósofo francês Emmanuel Lévinas (1906-1995). Lévinas, propondo a revalorização do sentido do humano, empenha-se em retirar o outro do esquecimento, do anonimato, tendo como ponto de partida a relação face-a-face, o encontro com o outro como “filosofia primeira” (LÉVINAS, 2014).

## **2.2 - A possibilidade da emancipação social a partir de Levinas**

O pensamento de Levinas destaca-se pela intensa preocupação com o “Rosto do outro” (LÉVINAS, 1982, p. 69), com o sentido da alteridade e do humano, sentido este que sofreu e sofre constantes ameaças, seja com a possibilidade da tirania da política, tragicamente experienciada pelo filósofo durante a II Guerra Mundial, seja pela opressão econômica imposta pelo capitalismo.

A tarefa à qual empreendeu Lévinas foi a de retirar o outro do esquecimento da filosofia, influenciada em muito pela busca do ser, principalmente com Heidegger (RIBEIRO JÚNIOR, 2005, p.15). Ao propor trazer o outro à tona, imprescindível será, para sermos fiéis ao filósofo,

---

<sup>1</sup> “Parasitário”, pelo fato de que a obra em questão leva este título.

uma ressignificação da ética segundo os moldes da alteridade. A nova semântica desse termo, fundado sob a égide do pensamento ocidental, será de importância ímpar em nosso percurso, uma vez que nos dispomos a abandonar o ethos capitalista e impessoal, e apresentar um novo ethos, solidificado a partir da fraternidade e da solidariedade.

Para que iniciemos “um caminho pelo outro” (CAMILO, 2016, p. 103), faz-se necessário conhecer algumas noções centrais do pensamento de Emmanuel Lévinas. A ética da alteridade, como vimos, dá-se no encontro com o Rosto do outro, com seu olhar que clama por justiça, por pão, por acolhimento. A partir dessa relação com o outro que é “pobre, viúva, órfão, estrangeiro”<sup>2</sup>, a subjetividade do sujeito encontra-se afetada por essa condição miserável, e a partir dessa afecção, é que podemos pensar em uma subjetividade responsável, em uma subjetividade eleita a cuidar da sorte do outro (LÉVINAS, 2004), a “com-padecer-se”<sup>3</sup> de seus sofrimentos, apontando também para a experiência da intersubjetividade.

Para Lévinas, é a epifania do Rosto do outro que nos permite escapar da totalização imposta pela filosofia ocidental, marcada pela neutralidade e impessoalidade para com outrem. Tendo por amparo a racionalidade ocidental, a política e a economia provocaram uma redução do humano a uma mera força de trabalho a ser explorada, legitimando um humanismo, no fundo, antihumano (RIBEIRO JÚNIOR, 2008).

Segundo Karl Marx, a transformação do homem em trabalhador produz um “estranhamento” no sujeito (MARX, 2004). A compreensão do homem a partir da divisão do trabalho enrijece-o em sua atividade produtiva, ou seja, como podemos compreender o homem, como professor, como operário, como motorista? Há uma consolidação do pessoal a partir da função exercida na cadeia de exploração da força produtiva imposta pelo sistema capitalista (MARX e ENGELS, 2001, p. 28). Sendo o homem transformado naquilo que exerce ou produz, não há como relacionar-se com este homem a partir de uma condição puramente pessoal, relação face à face, já que foi, tragicamente, confundido com aquilo que trabalha.

Como defensor da liberdade dos indivíduos, da ideia que as pessoas se relacionam a partir da liberdade, esta como condição de possibilidade para que o indivíduo seja aquilo que quiser, Marx critica a predicação do trabalho, uma vez que essa condição provoca um engessamento nos sujeitos, condenando-os a ser aquilo que exercem (MARX e ENGELS, 2001, p. 28). Essa crítica da equiparação do homem com seu trabalho será também tecida por Lévinas, futuramente (LÉVINAS, 1982, p. 70).

Na tentativa de superação dessa realidade, Lévinas afirma a dignidade da relação com o outro a partir de sua alteridade, não com aquilo que ele exerce socialmente. Para tal, defende o filósofo por que se faz indispensável a acolhida ao Rosto do outro que interpela e vem de sua infinita exterioridade. O Rosto do outro é irrepresentável, alheio a qualquer tentativa de dominação por parte do sujeito e do sistema político-econômico. Afirma Lévinas:

(...) manifestar-se como rosto é impor-se para além da forma, manifestada e puramente fenomenal, é apresentar-se de maneira irreduzível à manifestação, como a própria retidão do frente a frente, sem mediação de nenhuma imagem na sua nudez, ou seja, na sua miséria e na sua fome. (LÉVINAS, 1980, p. 178).

Lévinas reforça que a relação face à face com o outro - acolhê-lo em sua alteridade - é a ressignificação necessária da ética. Ética proposta agora alheia aos interesses político-econômicos, mas vivida nas relações desinteressadas, no acolhimento e hospitalidade, que, implicitamente, dependem de um termo próprio da filosofia de Levinas: a responsabilidade.

<sup>2</sup> Lévinas, frequentemente, recorre a expressões retiradas da sabedoria talmúdica, uma vez que, como judeu, tal sabedoria inspirou e permeou-se em sua forma de fazer filosofia, tanto que, é impossível dissociar filosofia e judaísmo em Lévinas.

<sup>3</sup> O uso dos hífen deve-se à tentativa de manter a fidelidade à forma usada pelo filósofo e seus comentadores.

Segundo o filósofo franco-lituano, ao relacionar-se com o Rosto, ao ser interpelado pelo seu olhar que convoca e elege a cuidar de sua sorte, somos, indeclinavelmente, responsáveis por esse outro e por todos os outros que, mesmo que não estejam à nossa frente, incumbem-nos a uma tarefa de cuidado para que eles não sejam expostos à violência e à morte provocadas pela totalização. A responsabilidade, como vimos, não nasce de uma opção do sujeito, por um ato de sua vontade, mas nasce da interpelação do outro, do encontro com a face de outrem que se apresenta necessitada de cuidado e acolhimento. Embasando essa afirmativa, diz Jacques Derrida:

(...)a responsabilidade pelo outro que não é um acidente ocorrendo a um sujeito, mas precede nele à essência, não esperou a liberdade em que teria sido tomado o engajamento pelo outro. Eu nada fiz e sempre estive em causa: perseguido. A ipseidade, na sua passividade, é refém. A palavra 'eu' significa 'eis-me aqui', respondendo de tudo e de todos. (DERRIDA, 2015, p. 72).

Responsabilidade, hospitalidade, acolhida nos permitirá propor uma outra estruturação político-social. Jacques Derrida, em seu livro *Adeus a Emmanuel Lévinas* (1997), ao falar sobre hospitalidade, apontou que o Estado Moderno em muito peca contra a hospitalidade aos mais desfavorecidos. Como exemplo a esse apontamento de Derrida, podemos identificar a falta de hospitalidade e humanidade dispensadas aos imigrantes e às massas de refugiados que rumam à Europa e à América do Norte. Países que pregam um liberalismo, mas para com o outro, para com a sua condição miserável, negam esse mesmo ideal de liberdade, já que não interessa a esses países tê-los por lá.

Na intenção de pensar para-além do Estado capitalista, a dimensão de fraternidade será de notável importância. Sobre fraternidade, afirma Lévinas: “é preciso que a sociedade seja uma comunidade fraterna para estar à altura da retidão - da proximidade por excelência - na qual o rosto se apresenta ao meu acolhimento” (LÉVINAS, 1980, p. 192). Fraternidade implica a não aceitação de um sistema que violenta o outro, que o massacra e o expõe à morte. Fraternidade pressupõe a visceral preocupação pelo outro. Afirma Lévinas:

deixar homens sem comida é uma falta que nenhuma circunstância atenua; a ela não se aplica a distinção do voluntário e do involuntário. Perante a fome dos homens, a responsabilidade só se mede objetivamente. É irrecusável. (LÉVINAS, 1980, p.179).

Ao propor a estruturação social para-além do Estado, reforça Luis Carlos Susin:

o Estado não é a última palavra de Lévinas sobre a universalidade social: um Estado ou uma instituição qualquer que pretenda coincidir com universalidade última, ao invés de ser estrutura de universalidade 'a serviço' da universalidade, torna-se uma totalidade opressora [...] A universalização social última, ao invés, está na grande família humana, na sociedade centralizada em torno do pobre, do órfão, da viúva, do sem pátria, ou seja, dos grupos atualmente menos favorecidos. (SUSIN, 1984, p. 423).

Ao propormos a fraternidade como sustentáculo de “outra” sociedade, lembramos que a fraternidade, juntamente com a liberdade e a igualdade eram o famoso lema da Revolução Francesa, em 1789. Logo, desde os tempos passados, a fraternidade possui uma conotação política.

Fraternidade requer proximidade com outro, não mais “ser-com-o-outro”, mas “ser-para-o-outro”. Assim entendida, a fraternidade está longe de restringir-se a laços biológicos, é uma das formas primordiais de relação dos indivíduos. Inspirado na tradição bíblica, Lévinas

afirma que “outrem é irmão de todos os outros homens” (LÉVINAS, 1974 Apud. CARRARA, 2010, p. 112).

A partir da fraternidade, poderemos conceber relações baseadas no “desinteressamento”, relações não moldadas com a finalidade de explorar o sujeito, considerando-o apenas uma força de trabalho, que, após explorada, permite a descartabilidade do humano; a relação fraterna permite a relação com o outro em sua alteridade, simplesmente porque é um outrem.

Sendo fraterno, o homem deixa de ser “guardião do ser”, expressão aclamada por Heidegger, e passa a ser “guardião do outro”, contrariando a “visão fratricida de Caim” (LÉVINAS, 2002, p. 20). Sendo o homem irmão, guardião do homem, e não mais o “lobo do homem”, expressão do filósofo moderno Thomas Hobbes e legitimada pelo Estado capitalista, há o que Lévinas denomina de “devotamento ao outro” (LÉVINAS, 2002, p. 92).

Ser devotado ao outro é cuidar de sua sorte, é ocupar de restituir-lhe a justiça e o direito, o que remonta à vocação dos profetas na tradição judaica. Ser fraterno é romper com as estruturas que, ao longo da história, principalmente no Ocidente, legitimaram a destruição do homem pelo homem. Afirmam Lepargneur e Martins:

O problema do mundo esfomeado não pode se resolver a menos que a comida dos empossados e repletos cesse de lhes parecer como sua propriedade inalienável, mas seja reconhecida como um dom recebido que eles devem agradecer e ao qual os outros têm direito (MARTINS, LEPARGNEUR, 2014, p.64)

As palavras dos autores citados anteriormente representam a concretude, a carnalidade e a urgência da ressignificação ética que nosso tempo clama. É na tentativa de responder às características agora mencionadas que optamos e trazemos à realidade brasileira a possibilidade de ser “afetada” pelo pensamento de Levinas.

### **3 - Considerações finais**

O objetivo do presente artigo foi possibilitar uma análise crítica à estruturação econômica, política e social do Brasil. Procuramos trazer à tona os principais elementos causadores da crise na qual o Brasil vive desde seu processo de formação. Tentamos oferecer uma visão de que a crise não é derivada do âmbito da moral (ou falta dela), mas estrutural, ou como um projeto, a ser considerada em um aspecto macro.

Diante das contradições vividas no âmbito social brasileiro, amplamente derivadas da relação entre economia e política firmada na exploração dos interesses do capital, como apresentamos em momentos anteriores no artigo, se faz importante, na tentativa de superação de tal condição, a proposição de uma “outra” forma de nos posicionarmos no mundo.

Como alternativa ao ethos de exploração e competição advindos do sistema capitalista, propomos, a partir de Levinas, a fraternidade, a alteridade e responsabilidade como estruturantes de novas relações sociais. A partir das formas de estruturação social citadas anteriormente, poderemos conceber relações baseadas no “desinteressamento”, relações não moldadas com a finalidade de explorar o sujeito, considerando-o apenas uma força de trabalho, que, após explorada, permite a descartabilidade do humano; a relação fraterna permite a relação com o outro em sua alteridade, simplesmente porque é um outrem.

Sendo o homem irmão, guardião do homem, e não mais o “lobo do homem”, expressão do filósofo moderno Thomas Hobbes e legitimada pelo Estado capitalista, há o que Levinas denomina de “devotamento ao outro” (LÉVINAS, 2002, p. 92).

Ser fraterno é romper com as estruturas que, ao longo da história, principalmente no Ocidente, legitimaram a destruição do homem pelo homem.

Considerando o contexto atual, cheio de incertezas e de sérios questionamentos, uma vez que o sentido do humano está sendo ameaçado pelo próprio homem, Levinas, e seu embasamento filosófico, pode nos oferecer condições para enfrentarmos os desafios de nossa realidade, bem como apontar possibilidades para a emancipação do homem para-além das estruturas totalizantes, aqui trazidas como as instituições econômicas e políticas.

Tendo apresentado a possibilidade de contribuição de Levinas frente à realidade brasileira, sabemos que existem vários empecilhos que vão de encontro à sua concepção de estruturação de relações sociais. Em um mundo pautado pelas relações de mercado, relações firmadas no capital, não há como se relacionar com o rosto do outro, uma vez que este rosto é escondido e submetido a interesses que o relega ao anonimato. Nesse contexto, a proposta de Levinas pode encontrar obstáculos, já que a mencionada proposta aponta para uma constituição social ainda a ser construída, o que aumenta o desafio da proposição levinasiana, mas que, ao mesmo tempo, faz com que a referida proposta mantenha sua relevância e se assegure como uma alternativa na ressignificação/reconstrução de uma estruturação social.

### Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Capitalismo Parasitário**. Tradução: Eliana Aguiar. Rio de Janeiro-RJ. Jorge Zahar Editor Ltda. 2010.

CAMILO, Carlos Eduardo Nicoletti. **A teoria da alteridade jurídica: em busca do conceito de Direito em Emmanuel Lévinas**. São Paulo-SP. Editora Perspectiva S.A. 2016.

CARRARA, Ozanan Vicente. **Lévinas: do sujeito ético ao sujeito político: elementos para pensar a política outramente**. São Paulo-SP. Editora Ideias e Letras. 2010.

CNJ registra pelo menos 812 mil presos no país; 41,5% não têm condenação. **G1**, Brasília, 17 de julho de 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/17/cnjregistra-pelo-menos-812-mil-presos-no-pais-415percent-nao-tem-condenacao.ghtml>.

DERRIDA, Jacques. **Adeus a Emmanuel Lévinas**. Tradução: Fábio Landa. São Paulo-SP. Editora Perspectiva. 2015.

IBGE aponta aumento da extrema pobreza no país. **Estado de Minas**, Belo Horizonte, 05 de dezembro de 2018. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2018/12/05/internas\\_economia,1010671/em2017-quase-55-milhoes-de-brasileiros-estavam-abaixo-da-linha-de-po.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/economia/2018/12/05/internas_economia,1010671/em2017-quase-55-milhoes-de-brasileiros-estavam-abaixo-da-linha-de-po.shtml).

LEPARGNEUR, Hubert; MARTINS, Rogério Jolins. **Introdução a Lévinas: pensar a ética no século XXI**. São Paulo-SP. Editora Paulus. 2014

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós: ensaios sobre a alteridade**. Tradução: Pergentino Stefano Pivatto (coord.), Evaldo Antônio Kuiava, José Nedel, Luiz Pedro Wagner, Marcelo Luiz Pelizoli. Petrópolis-RJ. Editora Vozes. 2004.

\_\_\_\_\_. **Ética e Infinito**. Tradução: João Gama. Lisboa-Portugal. Edições 70. 1982.

\_\_\_\_\_. **Novas interpretações talmúdicas**. Tradução: Marcos de Castro. Rio de Janeiro-RJ. Editora Civilização Brasileira. 2002.

\_\_\_\_\_. **Totalidade e Infinito**. Tradução: José Pinto Ribeiro. Lisboa - Portugal. Edições 70. 1980.

\_\_\_\_\_. **Violência do Rosto**. Tradução: Fernando Soares Moreira. São Paulo-SP. Edições Loyola. 2014.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. Tradução: Jesus Ranieri. São Paulo. Boitempo Editorial. 2004.

MARX; ENGELS. **Ideologia alemã**. Tradução: Luis Cláudio de Castro e Costa. São Paulo. Martins Fontes. 2001.

PIKETTY, Thomas. Brasil tem maior concentração de renda do mundo entre o 1% mais rico. **El País**, São Paulo, 14 de dezembro de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/13/internacional/1513193348\\_895757.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/12/13/internacional/1513193348_895757.html).

RIBEIRO JÚNIOR, Nilo. **Sabedoria da paz: ética e teo-lógica em Emmanuel Lévinas**. São Paulo-SP. Editora Loyola. 2008.

\_\_\_\_\_. **Sabedoria de amar: a ética no itinerário de Emmanuel Lévinas**. São Paulo-SP. Editora Loyola. 2005.

SUSIN, Luiz Carlos. **O homem messiânico: uma introdução ao pensamento de Emmanuel Lévinas**. Porto Alegre-RS. Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes. 1984.